



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Noronha Porto, Ana Paula; Vendramini Medeiros, Claudette Maria
Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 172-182
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816118>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Parâmetros Psicométricos: Estudo Comparativo entre Testes de Inteligência e de Personalidade

Ana Paula Porto Noronha¹
Claudette Maria Medeiros Vendramini
Universidade São Francisco, São Paulo

Resumo

A validade e a precisão de testes psicológicos vêm sendo bastante questionadas e discutidas atualmente como objetivo avaliar a validade, a precisão e a existência de padronização brasileira em 43 testes psicológicos no Brasil, sendo 22 de inteligência e 21 de personalidade. Os testes foram comparados quanto ao período de publicação e à área de avaliação. Os resultados indicaram que existe maior número de instrumentos publicados nas décadas de 1980 e 1990, os testes de inteligência apresentam mais estudos de padronização, validade e precisão, embora não haja diferença entre os grupos de testes (inteligência e personalidade). Novos estudos devem ser desenvolvidos com o intuito de aumentar a padronização dos testes psicológicos e a área de avaliação psicológica, como um todo.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; testes psicológicos; validade; precisão; padronização.

Psychometric Parameters: Comparative Study between Intelligence and Personality Tests

Abstract

Nowadays, the validity and the reliability of psychological tests are being very questioned and discussed to evaluate the validity, the reliability and the existence of Brazilian standardization in 43 psychological tests in Brazil, being 22 of intelligence and 21 of personality. The tests have been compared concerning the period of publication and the area of assessment. The results have indicated that there is a bigger number of instruments published in the 1980s and 1990s, intelligence tests present more studies of standardization, validity and reliability, even though there is no difference among the groups tests (intelligence and personality). New studies must be developed with the purpose of increasing the standardization of psychological tests and the area of psychological assessment, as a whole.

Keywords: Psychological assessment; psychological tests; validity; reliability; standardization.

Os testes psicológicos são instrumentos utilizados na prática do psicólogo e podem fornecer importantes informações para a elaboração de um diagnóstico, quando do processo de avaliação. Para que os testes sejam úteis e eficientes, eles devem passar por estudos que comprovem suas qualidades psicométricas, assim como devem atender determinadas especificações que garantam reconhecimento e credibilidade por parte da comunidade científica e de leigos.

Os testes são instrumentos exclusivos do psicólogo e a

1999). Recentemente o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001) publicou uma resolução que estabelece critérios para a elaboração, a comercialização e a utilização de testes psicológicos. De acordo com a resolução, os testes devem ter requisitos mínimos reconhecidos como tais e serem utilizados com base em critérios de excelência. Destaque deve ser dado ao fato de que o manual do teste objetiva informar os critérios de validade e de confiabilidade.

diferentes situações de avaliação, além de discutir alguns princípios de construção de testes psicológicos; enquanto Pasquali (2001) oferece um extenso manual de orientações sobre as técnicas de exame psicológico, no qual aborda o conceito dos testes, a história, os tipos, os fundamentos científicos, os parâmetros psicométricos, os princípios éticos e os testes psicológicos comercializados no Brasil.

Outro trabalho foi desenvolvido por Cunha (2000) com o objetivo de analisar testes psicológicos, fornecendo dados sobre o histórico, sobre a descrição, administração, indicações, comentários e referências bibliográficas. Embora este trabalho não tenha a grandeza e a regularidade da publicação do *Mental Measurements Yearbook* produzido pela Universidade de Nebraska, não se pode desconsiderar a importante iniciativa da autora.

Em perspectivas internacionais muitos são os esforços e as publicações oferecidas aos interessados em avaliação psicológica ou em instrumentos de avaliação, considerando que é grande a preocupação com a qualidade das ações profissionais. O Comitê Internacional de Testes (ITC, 2001) composto por profissionais da Europa e dos Estados Unidos, publicou as diretrizes gerais para o uso e para a revisão dos testes. No material constam questões pertinentes ao uso, tanto no que se refere à aplicação, avaliação e interpretação dos resultados, quanto aos princípios éticos envolvidos.

Nessa mesma linha de trabalho, é possível encontrar no site da Associação Psicológica Americana (<http://www.apa.org/science/faq-findtests.html>) respostas às questões que mais freqüentemente são feitas através de e-mails para a diretoria científica do órgão. As questões variam desde informações específicas sobre determinados instrumentos ou sobre como entrar em contato com o responsável por algum teste não publicado. A APA vem trabalhando desde 1950 a fim de estabelecer padrões para o uso competente dos testes psicológicos, já tendo elaborado princípios para o uso dos testes educacionais, assim como promulgou determinadas diretrizes para o uso ético dos

Bartram (1998), um dos membros do Comitê de Estatística e Pesquisa da Federação Internacional de Testes, escreveu um trabalho que destaca a urgente necessidade de se estabelecer diretrizes para a padronização e uso do teste. Para o autor, a padronização requer um certo equilíbrio entre liberdade e restrição, uma vez que a medida que as diretrizes podem organizar a prática, também pode inibir novas experimentações com os métodos. Mas o resultado final, acredita-se, é refinamento das práticas de avaliação realizadas.

Os Testes Psicológicos

Os testes psicológicos têm sido considerados instrumentos auxiliares na coleta de dados e na sua interpretação, com as demais informações organizadas de forma a auxiliarem a compreensão do problema e a facilitar a tomada de decisões. No Brasil, a utilização do teste psicológico foi rejeitado na prática clínica, uma vez que não atingia as expectativas iniciais daqueles que tinham a respeito dele, e que por outro lado, não possuía a confiabilidade necessária.

Não é coerente com o objetivo do profissional de saúde mental se discuta o papel da técnica padronizada de avaliação psicológica, uma vez que é fundamental comparar a qualidade das informações obtidas com os manuais de testes de inteligência e de personalidade. Conforme a resolução nº 25/2001 do CFM, publicada nesse artigo, os testes devem ter requisitos mínimos e ser revisados a cada dez anos e seus resultados devem ter por objetivo orientar o profissional na confecção de documentos e relatórios.

Infelizmente os poucos trabalhos desenvolvidos nesse sentido não têm apresentado resultados animadores. Noronha (2001) realizou uma revisão sistemática destinou a avaliar os coeficientes de correlação entre os resultados dos testes, correlação com outros critérios de validade, consistência e estabilidade a fim de verificar a validade psicométrica dos instrumentos (validade de conteúdo, validade de constructo, validade de criterio). Os resultados mostraram que a maioria dos instrumentos analisados, com exceção de

informações avaliadas. Isto se torna ainda mais grave quando se verifica que os itens avaliados estão de acordo com as exigências mínimas para a publicação de testes, sejam elas nacionais ou internacionais.

Considerando os elementos discutidos e a necessidade de que outros estudos sejam desenvolvidos com o intuito de qualificar o material psicológico disponível para avaliação, o presente trabalho teve por objetivo a análise da evolução dos testes de personalidade e de inteligência no período de 1960 a 1999, no que se refere à presença de informações sobre: padronização, validade e precisão.

Método

Instrumentos

Foram consultados 43 testes psicológicos, sendo que 22 objetivavam a avaliação da inteligência e 21, da personalidade. As informações a seguir foram obtidas nos manuais consultados, sendo que esses nem sempre correspondem às edições iniciais ou mais recentes dos instrumentos.

Os instrumentos de inteligência são:

1. Escala de Maturidade Mental – Columbia (Irving Lorge, Lucile Blue, Bessie Burgemeister, Casa do Psicólogo, 1993)
2. Escala Wechsler de Avaliação da Inteligência para Crianças– WISC (David Wechsler, CEPA, 1964)
3. O Desenho da Figura Humana – DFH (Solange Muglia Wechsler, Livro Pleno, sem data)
4. D-70 (*Editions du Centre de Psychologie Appliquée*, Casa do Psicólogo, 1988)
5. D-48 (Pierre Pichot, CEPA, sem data)
6. Teste Barcelona (Técnicos do ISOP, CEPA, sem data)
7. Teste de Matrizes Progressivas – escalas geral (J. Raven, CEPA, 1977)
8. Teste de Matrizes Progressivas – escala avançada (J. Raven, CEPA, sem data)
9. Matrizes Progressivas Coloridas (I. C. Raven, J. Raven, J. 1971)
10. Teste de Rorschach (Rorschach, 1978)
11. Teste Caracterológico- TCO (Braga, 1978)
12. Testes das Cores (Braga, CEPA, sem data)
13. Teste das Fábulas (Düss, CEPA, sem data)
14. Teste das Pirâmides de Core (Braga, 1978)
15. Teste de Inteligência Não Verbal (Eva Nick, CEPA, sem data)
16. Teste dos Relógios (Fábio de Souza, CEPA, sem data)
17. Teste de Capacidades Intelectuais (Vijande Cambrais, Vetor, 1978)
18. Teste de Sondagem Intelectual (Moraes, N. S. R. Rocha, L. Moraes, J. C. Salermo, L. L. Salermo, 1982)
19. Teste Verbal de Inteligência (Boccalandro, Vetor, 1978)
20. Cubos de Kohs (CEPA, sem data)
21. Bateria de provas de Raciocínio (S. Almeida, Casa do Psicólogo, 1978)

Os instrumentos de personalidade são:

1. Cornell Index (Weider, Wolff, Wechsler, CEPA, sem data)
2. 16 PF- 5^a edição (Cattell, Cattell, 1978)
3. Escala de Personalidade de Eysenck (Eysenck, 1978)
4. Inventário Fatorial de Personalidade (Garcia, 1997)
5. Inventário Multifásico Mines (Hathaway & McKinley, 1978)
6. Pirâmides Coloridas de Pfister (Pfister, 1976)
7. Psicodiagnóstico Miocinético- TCO (Braga, 1987)
8. Questionário de Avaliação Tip (Braga, Vetor, 1994)
9. Questionário de Personalidade (Braga, & Wendel, CEPA, sem data)
10. Teste de Rorschach (Rorschach, 1978)
11. Teste Caracterológico- TCO (Braga, 1978)
12. Testes das Cores (Braga, CEPA, sem data)
13. Teste das Fábulas (Düss, CEPA, sem data)
14. Teste das Pirâmides de Core (Braga, 1978)

Vale destacar que serviram como elementos de análise para esse estudo os manuais em português dos respectivos instrumentos.

Critérios de Avaliação

O critério utilizado para a avaliação dos instrumentos, foi a presença de informações, nos manuais consultados, sobre padronização (se existe padronização brasileira), validade e precisão.

Os critérios basearam-se no questionário de Prieto e Muñiz (2000), cujo objetivo era avaliar a qualidade dos testes utilizados na Espanha.

Resultados

Os instrumentos foram submetidos a dois tipos diferentes de análise. Em um primeiro momento, comparou-se teste de inteligência e de personalidade, no que se refere ao período de sua construção e, posteriormente os instrumentos foram comparados à luz dos estudos de padronização, validade e precisão.

Em relação à primeira análise, observou-se que a metade dos testes de inteligência utilizados para o presente estudo não informa sobre a data do teste, enquanto que para os testes de personalidade a maioria informa sobre tal data, sendo esses publicados nas décadas de 1980 e 1990. Essa distribuição (Tabela 1) de publicação de testes de acordo com as décadas foi significativamente diferente para os testes de inteligência e de personalidade ($\chi^2(2)=6,64; p=0,0361$).

Vale ressaltar que apesar da maioria dos testes de inteligência não apresentar a data de publicação do manual, o que dificulta esse tipo de análise, observou-se que para ambos os tipos de testes, a maior concentração de construção dos instrumentos da amostra está nas décadas de 1980 e 1990. Tal evolução fica bastante evidenciada nos testes de

Tal constatação está de acordo com a ascendente da avaliação psicológica, e a construção de testes psicológicos (Almeida, 1999, 2001). Segundo Almeida (1999), a evolução de novas tecnologias em vários contextos, empresas, tende a trazer consequências tanto de avaliação psicológica, ou seja, espelhando os instrumentos sejam criados, e, sobretudo, apresentem mais qualidade. De alguma forma, estar representando um novo marco na construção psicológicos no Brasil, à medida que se produz, timidamente, uma evolução no que se refere a instrumentais disponíveis ao profissional, obrigará o profissional a se preparar para as novidades da área.

Aliado a isto, está a Resolução nº 25/2001 (2001) já tratada neste estudo, que obriga profissionais e editores a ter mais esmero ao uso e à construção de testes psicológicos.

Na Tabela 2 estão apresentadas as porcentagens que apresentaram um dos critérios de análise (validação e precisão) informados em manuais. Em alguns casos esses valores possam parecer baixos, em algumas das categorias do que em outras o quadrado não indicou diferenças estatísticas ao nível de significância de 5%, entre as comparações.

Pode-se observar, no entanto, que testes que possuem mais estudos sobre padronização e precisão, de uma maneira geral, em geral, são estudados. Especificamente em relação ao teste de inteligência, observou-se que nas décadas de 1980 e 1990 houve um crescimento na realização dos estudos, quando comparados com as décadas de 1960 e 1970. Isto também é observado em relação à validade e à precisão, embora a diferença entre os estudos realizados nos anos 1980 e 1990 seja menor.

Tabela 2
Distribuição dos Testes de Inteligência e de Personalidade com Padronização, Validação ou Precisão segundo os Publicados

Critério	Década	Inteligência		Personalidade		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Com padronização	60-70	4	80,0	2	33,3	6	54,6
	80-90	6	100,0	5	41,7	11	61,1
	Sem informação	7	63,6	1	33,3	8	57,1
Com validação	Total	17	77,3	8	38,1	25	58,1
	60-70	5	100,0	1	16,7	6	54,6
	80-90	6	100,0	7	58,3	13	72,2
Com precisão	Sem informação	7	63,6	1	33,3	8	57,1
	Total	18	81,8	9	42,9	27	62,8
	60-70	5	100,0	1	16,7	6	54,6
Com precisão	80-90	5	83,3	5	41,7	10	55,6
	Sem informação	7	63,6	2	66,7	9	64,3
	Total	17	77,3	8	38,1	25	58,1

Na verdade, encontrar testes de personalidade sem estudos relativos à padronização, validade e precisão não é surpresa. Há muito que este tema vem sendo discutido e muitas são as compreensões e incompREENsões a cerca da questão, uma vez que testes de personalidade e técnicas projetivas, em especial, possuem características específicas que os diferenciam dos demais. Anzieu (1979) aponta que embora essa diferença não possa ser ignorada, deve haver um remanejamento dos conceitos de medida, no caso desse tipo de instrumental. O autor propõe que a sensibilidade, a validade e a precisão recebam diferentes tratamentos dos testes ditos psicométricos. Tal colocação é corroborada por McFarlane e Tuddenham (1978) ao compreenderem que o dilema da pesquisa sobre testes projetivos centra-se na dificuldade de integração de valores, métodos e contribuições de pesquisas dos três princípios de psicologia: experimental, estatístico e clínico. A integração dessas contribuições tende a gerar avanços

qualidade do material, da documentação, da padronização, dos estudos de validade e de precisão dos testes psicológicos, pois eles representam uma categoria profissional, que inclui seus instrumentos e outras vezes é representada por eles.

Para Oakland e Hu (1993) os resultados de pesquisas com falhas na construção e lacunas teóricas e metodológicas disponíveis com relação aos testes de personalidade, elementos importantes para a validação de instrumentos, devem ser considerados em relação ao uso dos instrumentos. Isso ocorre apesar de serem usados em muitos países e culturas com o objetivo de avaliar a qualidade dos instrumentos. Os resultados confirmam a colocação dos autores (Baptista & Noronha & cols., 2001) e os de outros autores (Lima &

Os esforços internacionais para padronizar os testes de personalidade, como a AERA, APA, NMCE (1999) e IOPA (2000), demonstram que instrumentos bons e confiáveis devem ser padronizados e validados.

Referências

- AERA - American Educational Research Association, APA - American Psychology Association & NCME - National Council on Measurement in Education (1999). *Standards for educational and psychological testing*. New York: American Educational Research Association.
- Almeida, L. S. (1999). Avaliação psicológica: Exigências e desenvolvimentos nos seus métodos. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação psicológica: Perspectiva internacional* (pp. 41-55). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos* (2^a ed.). Rio de Janeiro: Campus.
- Bartram, D. (1998). The need for international guidelines on standards for test use a review of european and international initiatives. *European Psychologist*, 3 (2), 155-163.
- Conselho Regional de Psicologia (1999). *Manual do Conselho Regional de Psicologia*. São Paulo: CRP-06.
- Conselho Federal de Psicologia (2001, dezembro). CFP aprova duas novas resoluções. *Jornal do Federal*, 5.
- Cunha, J. A. (2000). Catálogo de técnicas úteis. Em J. A. Cunha & cols. (Org.), *Psicodiagnóstico-V* (pp. 202-290). Porto Alegre: Artmed.
- ITC – Comisión Internacional de Tests (2001). Diretrices internacionales para el uso de los tests. <http://www.eop.es/tests/Diretrices.html>, consultado em 04/12.
- McFarlane, J. W. & Tuddenham, R. D. (1978). Dificuldades para a validação das técnicas projetivas. Em H. H. Anderson & G. L. Anderson (Org.) *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico* (pp. 41-68). São Paulo: Mestre Jou.
- Noronha, A. P. P. (2001). Análise de coeficientes de testes de inteligência. *Psico*, 32(2), 73-86.
- Noronha, A. P. P., Sartori, F. A., Freitas, F. A. & Ottati, contidas nos manuais de testes de inteligência. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 101-106.
- Oakland, T. & Hu, S. (1993). International perspectives on children and youth. *Journal of School Psychology*, 9, 1-12.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual práctico*. LabPAM / IBAPP.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de exame psicológico: T.E.P manual*. Consultas das Técnicas Psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prieto, G. & Muñiz, J. (2000). Um modelo para evaluar las competencias de los profesionales que utilizan los tests utilizados en España. Disponível em <http://www.eop.es/tests/evaluacion/evaluacion.html>, consulta feita em 04/12/00.
- Turner, S. M., DeMers, S. T., Fox, H. R. & Reed, G. (1999). Qualifications and responsibilities of test users. *European Psychologist*, 56(12), 1099-1113.
- Wechsler, S. M. (1999). Guia de procedimentos éthicos e deontológicos para a aplicação de testes de inteligência. *Psicologia: Perspectiva internacional* (pp. 133-141). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wechsler, S. M. (2001). Princípios éticos e deontológicos para a aplicação de testes de inteligência. Em L. Pasquali (Org.), *Técnicas de exame psicológico: Manual. Fundamentos das técnicas psicológicas* (Vol. 1). São Paulo: Casa do Psicólogo; Conselho Federal de Psicologia.

Sobre as autoras:

Ana Paula Porto Noronha é Doutora em Psicologia: Ciência e Profissão, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e docente do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Universidade São Francisco.

Claudette Maria Medeiros Vendramini é Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e docente do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Universidade São Francisco.